

AM 8383
celular 9000 3x s/ juros
 MENOR DISTÂNCIA ENTRE VOCÊ E O MUNDO **3x s/ juros**

BATERIA MOTOROLA AP. c/ LINHA DE CARTÃO
 a partir de R\$ 59,00 a partir de R\$ 199,00
CAPAS a partir de R\$ 10,00

Na compra de um aparelho, **235-2299**
 ganhe uma capa. **325-2299**

Minto Santos/AT

De congo a parteiras em Santa Mônica

Moradores contam que a região, chamada inicialmente de Zabumba, foi marcada por bandas de congo e história de nascimentos

Notas animadas por bandas de congo, conversas de pescador e crianças nascidas pelas mãos de parteiras. Essas são as imagens que vêm à mente dos moradores mais antigos do balneário de Santa Mônica, em Guarapari, quando se voltam para sua história.



A dona-de-casa Maria Viana Santos, 68 anos, nasceu e cresceu no balneário, juntamente com as nove irmãs. Sua família é estante conhecida na região pois a avó e, depois, sua mãe foram parteiras oficiais do lugar.

Maria acredita que Santa Mônica deve ter mais de 100 anos de existência, pois seus avós já viviam por lá há muito tempo. "O primeiro nome de Santa Mônica foi Zabumba, mas ninguém sabe o porquê. Minha família tinha várias terras aqui", observou.

Os terrenos foram sendo vendidos e, nos anos 50, um dos proprietários que se mudou para o local foi o responsável pela alteração no nome do balneário.

"A mulher dele estava esperando um bebê. Quando a criança nasceu, uma menina foi batizada de Mônica. Por causa disso, o morador decidiu dar ao bairro o nome de Santa Mônica", explicou a dona-de-casa.

Maria se recorda de que vários pescadores construíram suas casas próximas à praia. "O bairro era aberto. Minha mãe e minha avó lavavam as roupas das crianças", contou.

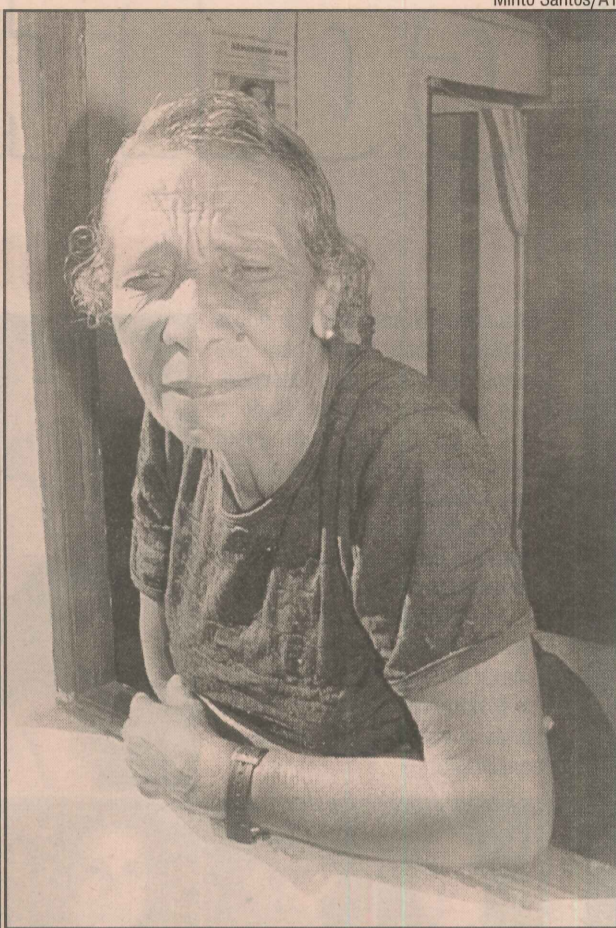
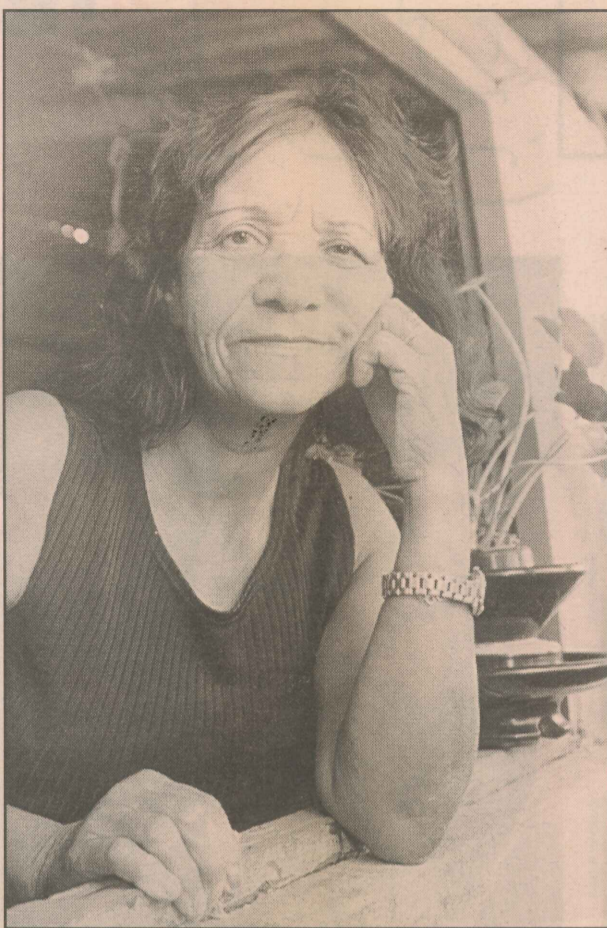
Já a irmã de Maria, a dona-de-casa Lindanoura Santos Silva, 62, disse que sempre havia festa dos pescadores no balneário com a participação de bandas de congo.

"Era muito animado. Os antigos daqui dançavam o congo na rua. Eu lembro também que as pessoas levavam o Divino Espírito Santo de casa em casa para rezar", afirmou Lindanoura.

Água encanada e luz elétrica eram serviços que a comunidade não conhecia até por volta da década de 60. "Todo mundo tinha poço em casa. No da minha mãe, ela plantou depois uma samambaia que ficou linda. A iluminação era feita com lamparina e as pessoas costumavam dormir cedo".

O pescador Joildo Deoclécio Borges, 53, nasceu no bairro Una, vizinho a Santa Mônica, e lembra que a região era bastante arborizada.

"Na década de 60, lotearam Santa Mônica e o lugar começou a crescer. Antes, ele era urbanizado naturalmente. No rio Una, as mulheres costumavam lavar roupa enquanto as crianças brincavam. Hoje, está tudo diferente", ressaltou.



Lindanoura Santos Silva e Maria Viana são as moradoras mais antigas do bairro

Associação atende 962 crianças

Acabar com o analfabetismo infantil, diminuir a evasão escolar, integrar os bairros e ainda incentivar a educação religiosa das crianças. O que parece ser difícil está sendo conquistado, aos poucos, por uma entidade filantrópica do balneário de Santa Mônica.

Trata-se da "Associação Bom de Bola, Craque na Escola com Deus no Coração", fundada em março de 1995 e que atende 962 crianças.

Por meio da entidade, elas aprenderem beach soccer, participam de lanches comunitários, passeios e festas e ainda recebem orientações de como exercer a cidadania.

A associação funciona na casa do seu atual presidente, Luiz Amor, e está sempre de portas abertas para receber a garotada.

A principal atração da Bom de Bola é a Copa Comunitária de Beach Soccer Infantil, que aconte-

ce entre abril e dezembro, entre os atletas de 5 a 17 anos.

FESTA

A abertura da copa é uma festa que já virou tradição na região de Santa Mônica. Na ocasião, é realizado um desfile com todos os participantes, devidamente uniformizados.

Membros do 38º Batalhão de Infantaria, da Escola de Marinheiros do Espírito Santo e de diversas bandas marciais marcam presença no evento.

Durante a copa comunitária, são realizadas reuniões com os participantes do projeto e são discutidos os problemas da copa e do bairro, os regulamentos a serem observados e a pontuação individual e coletiva.

Todos os atletas possuem uma ficha onde constam dados como frequência escolar, comportamento, religião e seu desempenho na competição.

No mês de julho, a criançada aproveita as férias escolares participando da Copa Molequinho Travesso e de um festival de picolé.

Além disso, todos os sábados, no período das atividades esportivas, cerca de 1,2 mil crianças e adolescentes, integrantes do projeto ou não, recebem um lanche.

Semestralmente, os pequenos atletas são levados para fazer passeios a museus, parques ecológicos e aquáticos e ao Exército. O projeto Bom de Bola conta com a colaboração de 120 voluntários, entre moradores do balneário e de diversos bairros de Guarapari.

O apoio financeiro vem de empresas e pequenos comerciantes, que adotam uma equipe de beach soccer doando R\$ 220,00 por ano para a compra de uniformes, alimentação e premiação da copa.

SAIBA MAIS SOBRE O BAIRRO

Fundação - De acordo com os moradores mais antigos, o balneário possui mais de 100 anos de existência e, no passado, se chamava Zabumba.

População - Cálculos feitos pela comunidade apontaram cerca de oito mil habitantes no balneário.

Limites - Santa Mônica tem como vizinhos os bairros de Una, Paturá, Quinta, Perocão e Setiba. O acesso até o local é feito pela Rodovia do Sol. Santa Mônica fica a 10 minutos do centro de Guarapari e a 30 minutos de Vitória.

Lazer - A praia de Santa Mônica, que faz parte da Baía do Perocão, é a principal atração do lugar. O balneário também conta com três times de futebol de várzea, sendo um

deles feminino.

Educação - A comunidade possui uma escola de ensino fundamental chamada Marinalva Aragão Amorim.

Saúde - Os moradores utilizam a unidade de saúde localizada no bairro Aeroporto.

Economia - O balneário possui uma economia voltada para o turismo. As pousadas, restaurantes e lojas de artesanato ficam bastante movimentadas durante o verão. Além das pousadas, várias residências são alugadas por temporada. Nos meses de baixa temporada, o pequeno comércio sobrevive fazendo promoções e oferecendo facilidades de pagamento aos moradores do balneário.

Fonte: moradores de Santa Mônica